

Desempenho sofrível do mercado de trabalho na RMPA em 1998

*André Luiz Leite Chaves**

O ano de 1998 mostrou a dependência da economia brasileira ao capital volátil internacional. A instabilidade gerada na economia mundial, iniciada no último trimestre de 1997 com a crise da Ásia, exacerbada pelo agravamento da situação financeira do Japão no primeiro semestre deste ano e, a partir de agosto, pela decretação da moratória da Rússia, teve forte impacto negativo na economia brasileira, uma vez que trouxe dificuldades crescentes de financiamento externo para manter a moeda estabilizada.

O Governo brasileiro respondeu à crise e ao intenso fluxo de saída de capitais do País com uma nova elevação da taxa de juros – superior a 40% ao ano – e com a perspectiva de implementação de um programa de ajuste fiscal profundo, associado a um apoio financeiro externo tutelado pelo FMI.

Essas medidas provocaram um cenário de dificuldades à atividade econômica interna, com conseqüente reflexo negativo sobre o mercado de trabalho nacional. Os números das instituições que pesquisam o desemprego foram significativos, alcançando recordes históricos das taxas de desemprego em diversas regiões metropolitanas do País.

O mercado de trabalho do Rio Grande do Sul também enfrentou problemas. O “crescimento zero” da economia gaúcha impossibilitou a geração de ocupações em quantidade suficiente para absorver todo o incremento da oferta de trabalho, gerando altos índices de desemprego. Com o intuito de analisar esses problemas, o presente artigo examina o comportamento dos níveis de ocupação, de desemprego e de rendimento do trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) — que concentra cerca de 40% da População Econo-

* Economista, Técnico da FEE e Professor da FAPCCA.

O autor agradece à Socióloga Miriam De Toni pelas diversas formas de apoio na execução deste texto.

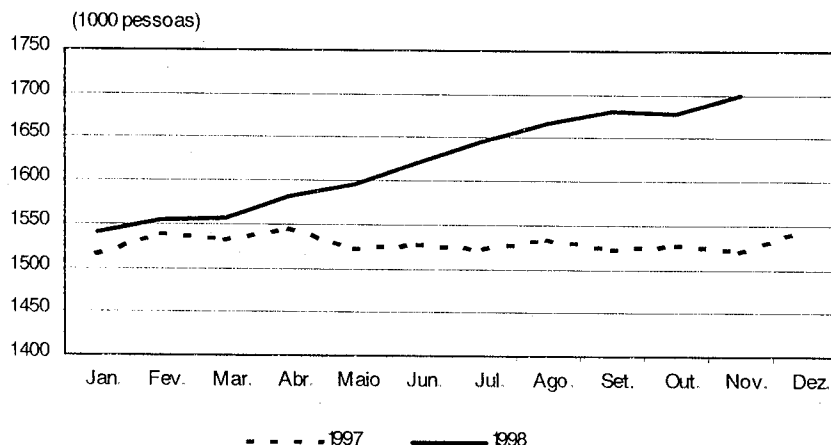
micamente Ativa (PEA) urbana do Estado —, a partir dos dados da **Pesquisa de Emprego e Desemprego na RMPA (PED-RMPA)**. O balanço de 1998, com os dados disponíveis até o mês de novembro, confirma, para o ano, como sendo o que apresentou o pior desempenho do mercado de trabalho regional, comparativamente a idêntico período de anos anteriores, desde o início da Pesquisa, em 1993. Constatou-se elevação do desemprego, redução dos rendimentos do trabalho, e o nível de ocupação só cresceu à custa do incremento do trabalho precário.

1 – A ocupação na Região Metropolitana de Porto Alegre em 1998

Segundo os dados da PED-RMPA, no período jan.-nov./98 a População Economicamente Ativa (PEA) apresentou crescimento em quase todos os meses do período, a uma taxa média de 0,8% ao mês, conforme demonstra o Gráfico 1. O número médio de participantes no mercado de trabalho no período analisado foi de 1.628 mil pessoas, 106 mil a mais que em 1997.

Gráfico 1

Estimativa da População Economicamente Ativa da RMPA — jan./97-nov./98



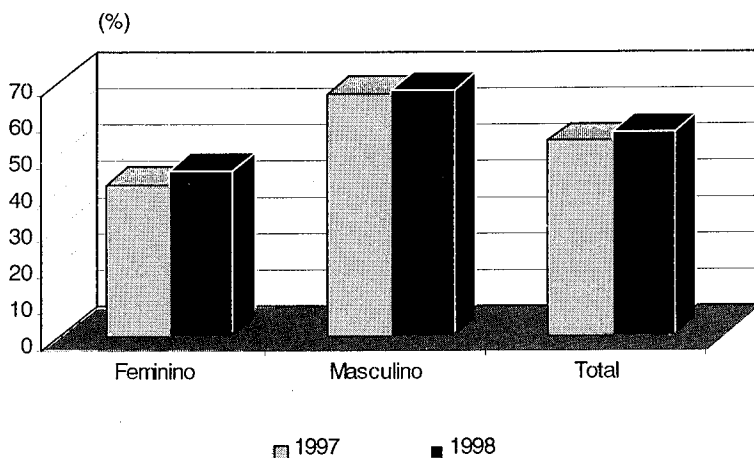
FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE.

A apreciável expansão da PEA entre dez./97 e nov./98, quando houve um aumento de cerca de 156 mil pessoas, ocasionou incremento importante do desemprego, dado que o crescimento do nível ocupacional não foi suficiente para acompanhar a oferta de trabalho.

Decompondo a PEA segundo o sexo, vê-se que esse aumento da força de trabalho se deveu, principalmente, ao ingresso de pessoas do sexo feminino. Mesmo considerando que as mulheres têm uma participação menor do que os homens na PEA — cerca de 42% —, elas foram responsáveis por 62,3% da expansão da força de trabalho no período analisado. Esse ingresso maior do contingente populacional feminino no mercado de trabalho da RMPA fez com que a sua taxa de participação — que indica a proporção de pessoas com 10 anos e mais incorporadas ao mercado de trabalho como ocupadas ou desempregadas — tivesse um incremento (9,2%) superior ao registrado para os homens (1,6%), conforme pode ser visualizado no Gráfico 2. A taxa de participação total aumentou de 54,0% em jan.-nov./97 para 56,6% em jan.-nov./98.

Gráfico 2

Taxa de participação total e por sexo na RMPA — jan.-nov. 1997/98

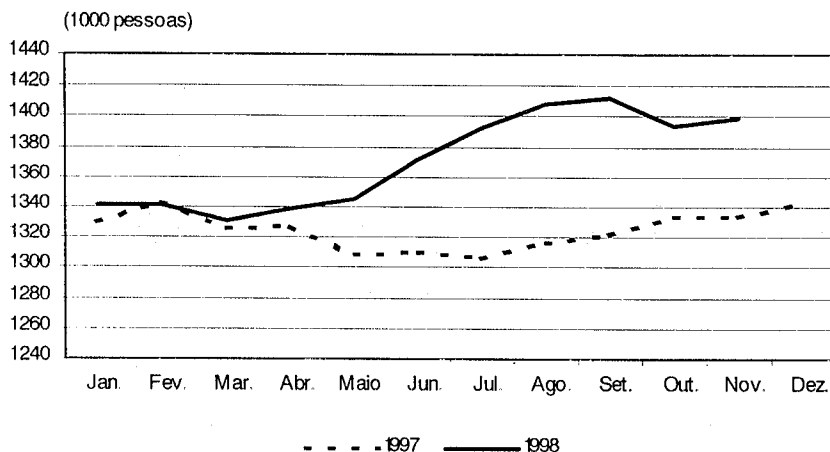


Segundo a idade, o aumento da taxa de participação foi generalizado. A maior elevação foi registrada entre os indivíduos com idade entre 10 e 17 anos (23,6%). Esse incremento da taxa de participação entre os jovens reverteu um movimento de queda que vinha sendo observado há três anos consecutivos, podendo estar a indicar um retorno da população mais jovem ao mercado de trabalho em 1998. Já para as demais faixas etárias, os incrementos em relação ao mesmo período do ano passado foram: de 5,2% para os indivíduos com idade entre 18 e 24 anos, de 2,5% para os com idade entre 25 e 39 anos e de 4,7% para os indivíduos com 40 anos e mais.

Segundo a PED, o nível de ocupação na RMPA apresentou desempenho positivo. O número médio de ocupados até novembro de 1998 (1.372 mil pessoas) foi superior em 57 mil ao registrado no mesmo período do ano anterior. Salienta-se que este foi o melhor desempenho anual desde que a PED-RMPA vem sendo realizada. O movimento da ocupação foi positivo em praticamente todos os meses do período analisado, com exceção de março e outubro, que apresentaram quedas, conforme o Gráfico 3.

Gráfico 3

**Estimativa do número de pessoas ocupadas
na RMPA — jan./97-nov./98**

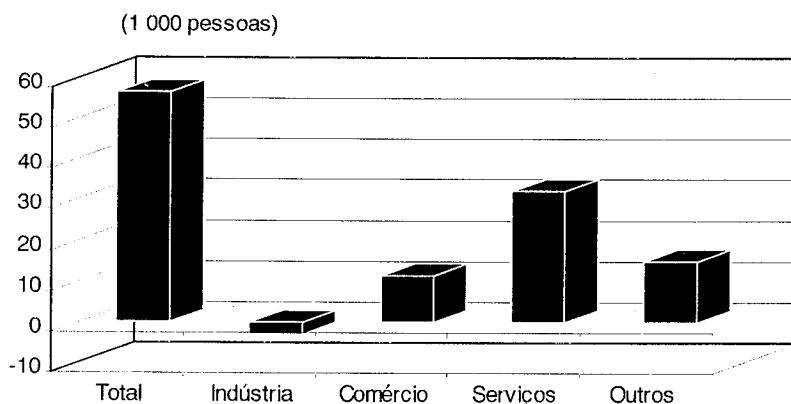


FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE.

O comportamento da ocupação em nível de setor de atividade mostra que o setor serviços foi o que apresentou a maior expansão (mais 33 mil postos na média do período). Por outro lado, sem maiores surpresas, a indústria de transformação foi o único setor a eliminar postos em 1998 (2 mil). O fato novo é que a contração do emprego ocorrida na indústria foi a menor verificada em todos os anos da PED-RMPA. No agregado outros setores, ocorreu a geração de 15 mil ocupações e no comércio, 11 mil (Gráfico 4).

Gráfico 4

Variação do número de ocupados, por setor de atividade econômica, na RMPA — jan.-nov. 1997/98



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE.

NOTA: Engloba construção civil e serviços domésticos.

Em jan.-nov./98, a geração de postos de trabalho pelo setor serviços está associada ao bom desempenho observado, principalmente, nos ramos de transporte e armazenagem (13,9%), serviços de alimentação (13,5%) e educação (10,9%). No sentido contrário, registrou-se diminuição no número de ocupados nos ramos de oficina e reparação mecânica e serviços creditícios e financeiros: -12,3% e -8,1% respectivamente.

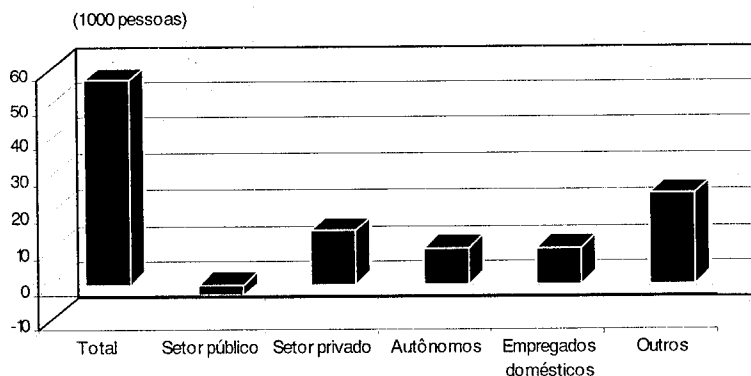
Ao analisar-se o aumento do nível global de ocupação ocorrido no período jan.-nov./98 frente ao mesmo período do ano anterior e tomando-se o recorte por

posição na ocupação, percebe-se o aumento significativo da participação das formas de inserção mais precárias e/ou não regulamentadas no total da ocupação regional. Observa-se que a evolução positiva da ocupação esteve associada à criação de 10 mil postos entre os trabalhadores autônomos, 10 mil entre os empregados domésticos, 11 mil entre os assalariados sem registro em carteira e 25 mil na categoria outros, que engloba empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc., sendo que, nesta última categoria, 18 mil postos foram criados entre os donos de negócio familiar e trabalhadores familiares sem remuneração. Ou seja, praticamente a totalidade dos postos de trabalho criados na Região, no período analisado, ficaram por conta das formas de inserção associadas ao chamado mercado de trabalho informal.

Pelo quarto ano consecutivo, o setor público eliminou postos de trabalho, sendo que, no período em análise, a eliminação foi de 3 mil ocupações em relação a igual período do ano anterior, conforme o Gráfico 5.

Gráfico 5

Variação do número de pessoas ocupadas, por posição na ocupação, na RMPA — jan.-nov. 1997/98



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE.

NOTA: Engloba empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc.

No que tange à composição por sexo, a elevação da ocupação foi favorável às mulheres, que obtiveram 58,3% dos novos postos de trabalhos criados entre jan.-nov./98. Com isso, as trabalhadoras do sexo feminino, que respondiam por

39,8% da força de trabalho metropolitana ocupada em 1993, de acordo com os dados da PED-RMPA, tiveram sua participação aumentada para 41,8% entre jan.-nov./98.

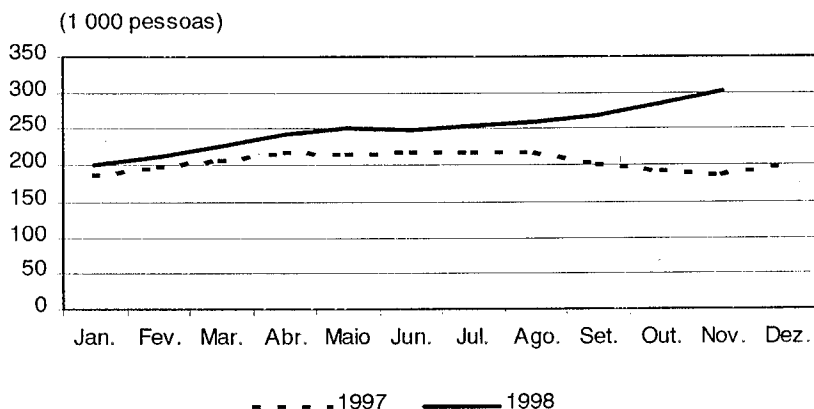
No período analisado, manteve-se a tendência à ampliação do contingente de ocupados com níveis mais altos de instrução. Dos 57 mil postos criados, 51 mil foram para os indivíduos que já haviam concluído pelo menos o segundo grau de ensino.

2 - Desemprego bate recorde

A taxa média de desemprego total apresentou crescimento de 13,4% para 15,9% em jan.-nov./97 e jan.-nov./98, atingindo o mais alto patamar médio desde o início da pesquisa, em 1993. O contingente médio de desempregados foi estimado em 260 mil pessoas no período em análise. Nesses 11 meses de 1998, o desemprego bateu todos os recordes da série da PED-RMPA, atingindo, no mês de novembro, a mais alta taxa da história da Pesquisa (17,7%), correspondendo a 301 mil desempregados. O desempenho da taxa de desemprego desrespeitou os padrões sazonais, pois o comportamento esperado seria de crescimento nos primeiros seis meses do ano e, a partir de julho ou agosto, uma tendência ao declínio da taxa, o que não ocorreu na Região, conforme pode ser visualizado no Gráfico 6.

Gráfico 6

**Estimativa do número de pessoas desempregadas
na RMPA — jan./97-nov./98**



Grande parte do aumento do desemprego foi decorrente do crescimento da PEA, principalmente no segundo semestre, que exacerbou a pressão exercida pela oferta sobre o desempenho do mercado de trabalho. Esse aumento da PEA como principal variável determinante do crescimento do desemprego pode ser comprovado com a determinação do coeficiente de correlação entre o índice dessazonalizado da PEA e o do número de desempregados, o qual foi positivo e elevado (0,84), mostrando que, no período em questão, o desempenho da taxa de desemprego está associado, fortemente, às variações de PEA.

Houve ampliação de todos os tipos de desemprego¹ que compõem o desemprego total. A taxa de desemprego aberto aumentou pelo quarto ano consecutivo, passando de 10,0% na média de jan.-nov./97 para 10,3%, no mesmo período de 1998, atingindo o mais alto patamar desde o início da pesquisa. A taxa de desemprego oculto elevou-se de 5,1% para 5,6% no mesmo período, reproduzindo o movimento observado no ano anterior.

O número médio de desempregados em jan.-nov./98 era composto por 168 mil pessoas na situação de desemprego aberto e 92 mil em desemprego oculto.

Em relação à incidência do desemprego entre sexo, as taxas para homens e mulheres cresceram no período analisado, alcançando os maiores percentuais da série da pesquisa: 13,8% e 18,8% respectivamente. A tendência de crescimento das taxas de desemprego de homens e mulheres foi semelhante, ainda que para as mulheres o aumento tenha sido mais intenso. Como decorrência, a diferença entre as taxas de desemprego de homens e mulheres aumentou: em jan.-nov./97, a taxa feminina era 21,4% superior à masculina, proporção que aumentou para 36,8% no mesmo período de 1998.

Para todas as faixas etárias houve elevação de suas respectivas taxas de desemprego em 1998. A das crianças e adolescentes de 10 a 17 anos foi a que apontou o maior crescimento (23,6%), enquanto a situação das pessoas com idade entre 18 e 24 anos teve a menor ampliação (11,9%). Já as pessoas com

¹ O conceito de desemprego utilizado pela PED-RMPA compreende três tipos, a saber: **desemprego aberto**, pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum trabalho nos últimos sete dias; **desemprego oculto pelo trabalho precário**, compreende as pessoas que procuraram efetivamente trabalho nos 30 dias anteriores ao dia da pesquisa, ou nos últimos 12 meses, e que se encontram em alguma das seguintes situações: realizam de forma irregular, algum trabalho remunerado, realizam algum trabalho não remunerado de ajuda em negócios de parentes, ou realizam algum trabalho recebendo exclusivamente em espécie benefício; **desemprego oculto pelo desalento e outros**, pessoas sem trabalho e que não procuraram nos últimos 30 dias por desestímulos do mercado de trabalho, ou por circunstâncias fortuitas, mas apresentaram procura efetiva por trabalho nos últimos 12 meses.

idade entre 25 e 39 anos e 40 anos e mais tiveram suas respectivas taxas de desemprego elevadas em 11,9% e 15,8%.

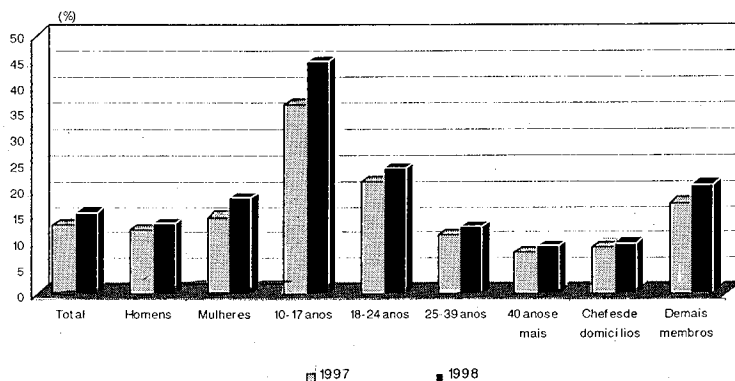
Destaque-se que todas as faixas etárias apresentaram os mais altos níveis de desemprego de toda a série da PED-RMPA.

A análise da evolução do desemprego em jan.-nov./98 mostra um crescimento praticamente generalizado, em continuidade à trajetória ascendente iniciada em 1996. Dois exemplos reiteram o agravamento das condições do mercado de trabalho regional.

O primeiro diz respeito ao crescimento da taxa média de desemprego dos chefes de domicílio, que passou de 9,0% em jan.-nov./97 para 9,9% no mesmo período de 1998, conforme também pode ser observado no Gráfico 7.

Gráfico 7

**Taxas de desemprego total e por atributo pessoal
na RMPA — jan.-nov. 1997/98**

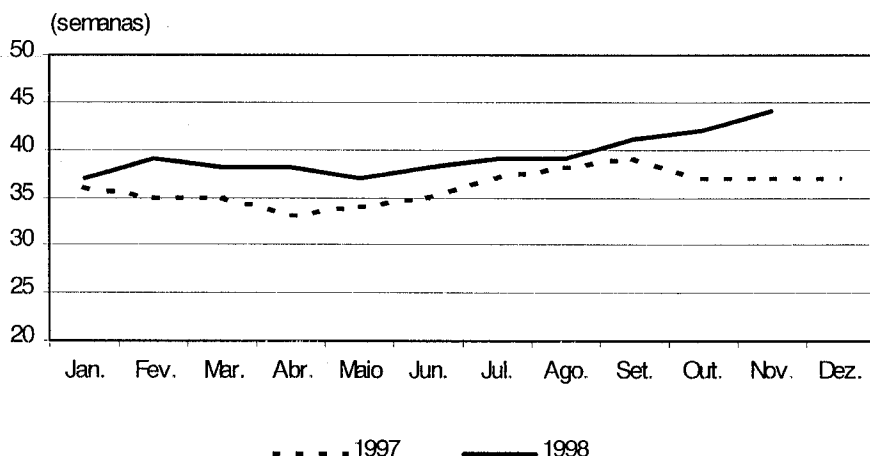


FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE.

O segundo está relacionado ao tempo médio despendido na procura de trabalho. O Gráfico 8 demonstra que o número de semanas gastas na procura de uma ocupação no transcorrer de 1998 foi sempre superior ao registrado em 1997 e que, em novembro de 1998, o tempo despendido chegou a 44 semanas — cerca de 10 meses. Em termos médios, a PED-RMPA constatou que o tempo gasto pelos desempregados na procura de trabalho aumentou de 36 semanas entre janeiro e novembro de 1997 para 39 semanas no mesmo período de 1998. Para as pessoas em situação de desemprego aberto, esse período aumentou de 33 para 34 semanas e, para as que estavam em situação de desemprego oculto, passou de 44 para 52 semanas.

Gráfico 8

**Tempo despendido na procura de trabalho
na RMPA — jan./97-nov./98**



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE.

3 - Queda dos rendimentos do trabalho

O fraco desempenho da economia na RMPA como um todo, e do mercado de trabalho em particular, no transcorrer de 1998, parece ter se traduzido em redução dos rendimentos reais médios dos ocupados, que caíram 2,2%, reduzindo-se seu valor para R\$ 604,00. O salário médio teve uma variação negativa bem menor (-0,3%), ficando em R\$ 594,00.

O fenômeno atingiu de forma distinta os diferentes setores de atividade econômica. No setor privado, o único prejudicado foi o comércio, que teve uma queda de 3,3%. Nos serviços, o salário médio manteve-se praticamente constante, com uma variação positiva de 0,4%, e registrou-se uma elevação do salário real médio de 2,9% na indústria de transformação. O salário médio pago no setor público sofreu uma pequena redução, de 0,9%.

Uma evidência de que a redução de rendimento real médio está relacionada às dificuldades econômicas é a de que os segmentos mais competitivos do mercado de trabalho (os informais) registraram as maiores perdas nos seus rendimentos quando o período de referência era o anterior. Os assalariados sem

carteira assinada tiveram uma perda em seus rendimentos médios de 4,5% e os autônomos de 10,2%. Como a renda dos empregados com carteira é, em média, maior que a dos sem carteira, o que se viu foi que o diferencial entre os rendimentos dessas duas categorias aumentou, contrariando a atenuação desses diferenciais que vinha se verificando entre 1993 e 1995. Na média do período jan.-out./95, o diferencial chegou a ser de 20,5%, aumentou para 32,0% no mesmo período de 1997 e, em 1998, cresceu mais ainda, alcançando 36,3%.

Tabela 1

Rendimento médio real dos ocupados e dos assalariados no trabalho principal, por posição na ocupação e setor de atividade econômica, na RMPA — jan.-out./97 e jan.-out./98

DISCRIMINAÇÃO	JAN-OUT/97 (R\$)	JAN-OUT/98 (R\$)	VARIAÇÃO %
OCUPADOS (1)	618	604	-2,2
Assalariados (2)	596	594	-0,3
Setor privado	519	524	0,8
Indústria	515	530	2,9
Comércio	492	475	-3,3
Serviços	540	543	0,4
Setor público (3)	890	882	-0,9
Autônomos	585	525	-10,2
Empregadores	1 520	1 464	-3,7

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE.

NOTA: Inflator utilizado; IPC-IEPE; valores em reais de out./98.

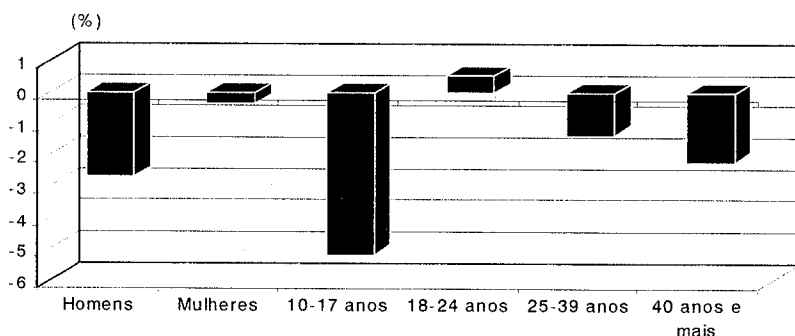
(1) Exclusive assalariados e empregados domésticos que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganham exclusivamente em espécie ou benefício. (2) Exclusive os assalariados que não tiveram remuneração no mês e os empregados domésticos. (3) Engloba empregados nos Governos Municipal, Estadual e Federal, nas empresas de economia mista, nas autarquias e nas fundações.

A tendência de redução dos rendimentos confirma-se para qualquer gênero ou grau de instrução. O rendimento médio real nos primeiros 10 meses de 1998, tanto para os trabalhadores homens quanto para as mulheres, registrou perdas em relação ao mesmo período do ano passado, porém com quedas maiores para os homens. Conforme retrata o Gráfico 9, o rendimento médio real dos

indivíduos do sexo masculino apresentou uma variação negativa de 2,7% contra 0,2% para o das mulheres, reduzindo um pouco o diferencial dos rendimentos dos homens em relação ao das mulheres. Ou seja, no período em questão, o rendimento das mulheres, que atingia 68,9% do valor do rendimento dos homens em 1997, aumentou para 70,6% em 1998.

Gráfico 9

Variação do rendimento médio real, por sexo e por faixa etária, na RMPA — jan.-out. 1997/98



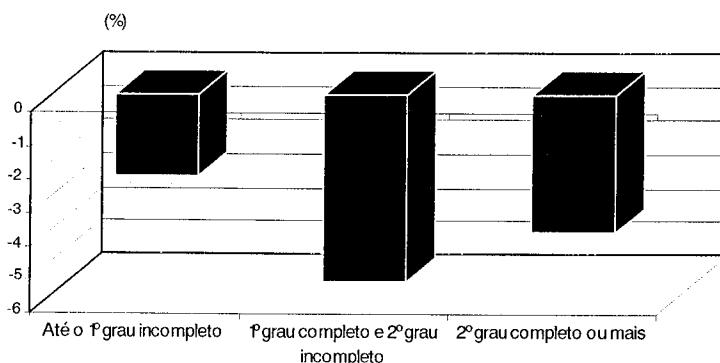
FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE.
 NOTA: Inflator utilizado IPC-IEPE; valores em reais de out./98.

Já em relação à faixa etária, os únicos trabalhadores que lograram obter ganhos, embora pequenos, em relação ao mesmo período do ano anterior foram aqueles situados na faixa etária entre 18 e 24 anos de idade (0,6%). Os mais jovens obtiveram perdas de 5,4% nos seus rendimentos médios, para os com idade entre 25 e 39 anos a perda foi de 1,5% e, entre aqueles com 40 anos e mais, de 2,3%.

A queda nos rendimentos do trabalho na RMPA também não fez distinção quanto ao grau de escolaridade. As variações negativas para os grupos analisados foram: 2,4% para os indivíduos sem escolaridade ou com o 1º grau incompleto, 5,6% para os com o 1º grau completo e 2º grau incompleto e 4,0% para aqueles com o 2º grau completo, ou nível de instrução superior.

Gráfico 10

**Variação da renda real, por grau de instrução,
na RMPA — jan.-out. 1997/98**



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE.

NOTA: Inflator utilizado IPC-IEPE; valores em reais de out./98.

Outro aspecto negativo observado no mercado de trabalho da RMPA refere-se ao esgotamento da tendência à diminuição do diferencial de rendimentos entre os ocupados que ganham mais e os que ganham menos, que foi um dos mecanismos que provocou a redução da pobreza e a melhoria na distribuição da renda durante os primeiros anos do Plano Real. No período em questão, a análise segundo os estratos de rendimento mostra que as maiores variações negativas dos rendimentos reais dos ocupados e dos assalariados ficaram por conta das remunerações do Grupo 1, que reúne os 25% dos trabalhadores com os menores rendimentos. Estes apresentaram quedas de 3,9% para os ocupados e de 1,1% para os assalariados. Os demais grupos apresentaram variações negativas, porém os grupos de maiores rendimentos (Grupos 3 e 4) foram os que tiveram as menores reduções, de acordo com a Tabela 2.

Finalmente, conforme se pode constatar no Gráfico 11, a massa de rendimentos reais apresentou um acréscimo de 2,3% em relação ao mesmo período do ano passado, decorrente exclusivamente do aumento do nível de emprego (4,3%), dado que o rendimento apresentou um recuo de 1,9%.

Tabela 2

Índice do rendimento médio real dos ocupados e dos assalariados no trabalho principal, por grupos de trabalhadores, na RMPA — jan.-out. 1997/98

ANOS	OCUPADOS (1)				ASSALARIADOS (2)			
	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4
1997	122,9	119,0	116,7	112,0	120,0	116,4	112,3	103,2
1998	118,1	116,0	114,8	109,6	118,6	115,3	112,1	103,0
? %	-3,9	-2,5	-1,6	-2,1	-1,1	-1,0	-0,2	-0,2

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE.

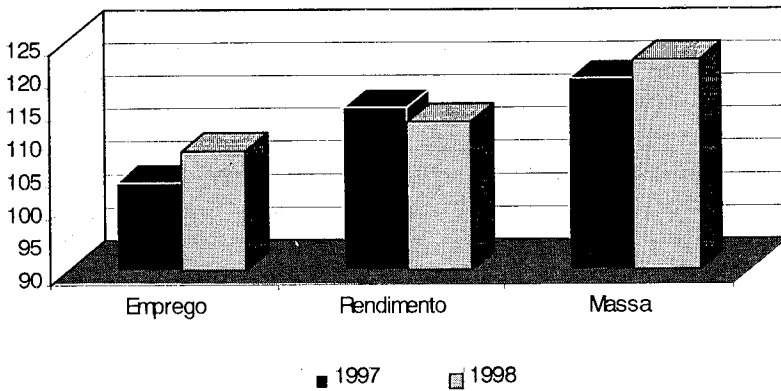
NOTA: 1. Inflator utilizado IPC-IEPE; valores em reais de out./98

2. Grupo 1 - corresponde a 25% do total dos trabalhadores com rendimentos mais baixos; Grupo 2 - corresponde a 25% do total dos trabalhadores com rendimentos imediatamente inferiores ao mediano; Grupo 3 - corresponde a 25% do total dos trabalhadores com rendimentos imediatamente superiores ao mediano; Grupo 4 - corresponde a 25% do total dos trabalhadores com rendimentos mais altos.

(1) Exclusive os assalariados e empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganham exclusivamente em espécie ou benefício. (2) Exclusive os assalariados que não tiveram remuneração no mês e os empregados domésticos.

Gráfico 11

Índice do emprego, do rendimento médio real e da massa de rendimentos reais dos ocupados na RMPA — jan.-out. 1997/98



FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP e DIEESE.

NOTA: Inflator utilizado IPC-IEPE; valores em reais de out./98.

4 - Considerações finais

Com base no exposto neste artigo, percebe-se que o comportamento do mercado de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre, nos 11 meses de 1998 analisados, teve um desempenho ruim. O único aspecto positivo, que foi a geração de 57 mil ocupações, ocorreu graças à capacidade dos segmentos informais — sobretudo aquele formado por trabalhadores por conta própria — de absorverem parte do crescente contingente de mão-de-obra que não encontrou abrigo no emprego formal. Assim, em que pese o aumento do nível de ocupação havido no período, a geração líquida de 57 mil postos de trabalho não chegou a suplantiar o crescimento da procura por trabalho, representado pelo incremento da PEA em 113 mil pessoas, elevando sobremaneira os níveis de desemprego.

De forma sumária, pode-se afirmar que o desempenho do mercado de trabalho na RMPA, bem como em outras regiões metropolitanas, foi marcado por taxas de desemprego recordes, não poupando segmentos, seja em termos de gênero, idade, posição no domicílio ou grau de instrução. O problema de desemprego só não foi pior graças à capacidade dos segmentos informais de absorverem parte dos crescentes contingentes que vêm demandando trabalho.

Níveis que suplantaram marcas históricas das taxas de desemprego suscitaram, como não poderia deixar de ser, grande preocupação e mobilização da sociedade, da mídia e do Governo, de tal sorte que políticas capazes de gerar emprego ocuparam lugar de destaque na discussão, e mesmo avaliação, da estratégia de governo. Porém foram pouco eficazes para atingir os objetivos propostos.

Os resultados da PED-RMPA revelaram também a redução dos rendimentos médios do trabalho. Esse fato se reveste de maior relevância e preocupação, dado que, desde a implantação do Plano Real, o ano de 1998 foi o primeiro em que ocorreu uma queda quase generalizada das remunerações na Região.

Como em qualquer outro mercado que “funcione”, é lícito esperar que haja um ajuste “via preço” — no caso, salários — em resposta a um excesso de oferta de trabalho, em particular nos seus segmentos mais flexíveis. Essa hipótese parece ser respaldada pelo fato de os trabalhadores autônomos e os assalariados sem carteira assinada — integrantes do chamado setor informal — terem sido justamente os grupos que experimentaram as maiores reduções de rendimento real em 1998.

Por último, vale destacar uma piora verificada na distribuição dos rendimentos na Região, provocada por reduções maiores nas remunerações dos ocupados que ganham menos, revertendo um quadro mais favorável que vinha sendo verificado desde o início do Plano Real.

As perspectivas para 1999, mantendo-se esse quadro macroeconômico desfavorável, com a combinação de política fiscal contracionista e taxa de juros em patamares elevados, podem levar à formulação de expectativas pessimistas quanto ao crescimento da atividade econômica e, por consequência, ao crescimento do mercado de trabalho.

Bibliografia

CARTA DE CONJUNTURA IPEA (1998). Rio de Janeiro : IPEA, n. 85, dez.

CHAVES, André L. L. (1998). Desempenho do mercado de trabalho na RMPA – 1997. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 25, n. 4, p. 104 – 121, mar.

CHAVES, André L. L. (1998a). Desempenho sofrível do mercado de trabalho na RMPA nos primeiros cinco meses de 98. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 48 – 63.

INFORME PED: pesquisa de emprego e desemprego (1998). Porto Alegre : FEE, v. 7, n. 11, nov.

MERCADO DE TRABALHO: conjuntura e análise (1998). Brasília : IPEA, n. 9, nov.